

## **Os comunistas e a arte: a recepção da estética lukacsiana no Brasil<sup>1</sup>**

Leandro Candido de Souza<sup>2</sup>

### **Resumo:**

O presente trabalho reflete sobre o impacto inicial da estética lukacsiana nas disputas ideológicas ocorridas no Brasil durante as décadas de 1960-70. Seu objetivo, portanto, é avaliar a importância dada a György Lukács na elaboração coletiva de uma política cultural de tripla responsabilidade histórica: reconstruir o marxismo após a denúncia dos crimes de Stalin, dar continuidade aos estudos sobre a formação dos sistemas (mercados) nacionais e combater a ditadura militar iniciada com o golpe de estado de 1964. Para isso, comentaremos brevemente as obras de jovens que gravitavam ao redor do eixo Rio-São Paulo do Partido Comunista Brasileiro e que se encarregaram dessa recepção. Destacadamente três: Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), Leandro Konder (1936-2014) e José Chasin (1937-1998).

**Palavras-chave:** György Lukács; estética marxista; política cultural; desestalinização; ditadura militar.

## **The communists and art: the reception of Lukacsian aesthetics in Brazil**

### **Abstract:**

This work reflects upon the initial impact of Lukacsian aesthetics on the ideological disputes that took place in Brazil during the 1960s and 1970s. Its goal, therefore, is to evaluate the importance given to György Lukács in the collective development of cultural policy with a triple historical responsibility: rebuild Marxism following the denunciation of Stalin's crimes, provide continuity to the studies about national system (market) formation, and combat the military dictatorship that began with the 1964 coup d'état. In order to do this, we will briefly comment on the work of youths that gravitated around the Rio-São Paulo axis of the Brazilian Communist Party and who assumed responsibility for its interpretation. We highlight three: Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), Leandro Konder (1936-2014), and José Chasin (1937-1998).

**Keywords:** György Lukács; Marxist aesthetics; cultural policies; destalinization; military dictatorship.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Coloquio Internacional "György Lukács – Ernst Bloch. Marxismo y Filosofía", promovido em Buenos Aires, entre os dias 9 e 10 de novembro de 2015, pela Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires, *Revista Herramienta*, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG e Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica da UnB.

<sup>2</sup> Doutor em história pela PUC-SP, pós-doutorando pela Unesp (FCL-Assis), com financiamento Fapesp.

## I

A recepção brasileira das ideias estéticas de György Lukács é um importante capítulo nas disputas ideológicas dos anos 1960 e 1970 e está diretamente ligada ao processo de reformulação da política cultural do Partido Comunista. Em outras palavras, a tentativa de reconstruir o marxismo após a denúncia dos crimes de Stalin coincidia com a responsabilidade de interpretar o fracasso histórico da burguesia brasileira decretado pelo golpe de 1964. Aparentemente, a luta contra o nazismo e a campanha pela entrada do Brasil na II Guerra Mundial, que ajudou a reorganizar o PC durante o Estado Novo, como registrou Antônio Albino Canelas Rubim (2007, p. 421), foi sucedida por uma dissensão no partido acerca do caráter progressista da burguesia nacional e, conseqüentemente, acerca do *eurocentrismo* presente na não apreensão da peculiaridade do seu atraso.

Em uma visão retrospectiva, no capítulo introdutório à antologia *O marxismo na América Latina*, Michael Löwy reconheceu essa concepção de uma “aliança progressista” como decorrência da mais danosa tendência intelectual legada pelo sistema colonial à classe trabalhadora latino-americana. Segundo o autor, essa associação só foi possível devido à aplicação mecânica ao Novo Continente de um modelo de desenvolvimento social e econômico válido para a história europeia. Tratava-se de um problema conceitual que tinha implicações políticas bem práticas, pois, ao considerar o passado colonial análogo ao feudalismo, os primeiros intérpretes marxistas quase sempre reconheceram as burguesias nacionais como progressistas, porque seriam anti-imperialistas, ao mesmo tempo em que definiriam o campesinato regional como hostil ao coletivismo socialista. Ambas levavam à conclusão de que a revolução socialista, por aqui, não estava na ordem do dia<sup>3</sup>.

O que mais impressiona nesse caso é perceber a força exercida pelos conceitos na compreensão de uma realidade em movimento. Desde o levante de 1935 da Aliança Nacional Libertadora (ANL), as sucessivas tentativas de reformas nacionais e democráticas de caráter aliancista demonstraram a falta de cumplicidade entre comunistas e burguesia nacional, afinal, “a burguesia progressista – industrial, comercial e intelectual – que se comprometera com o movimento não deu um único passo para juntar-se à revolução. (...) Após os levantes (...) toda a burguesia uniu-se a Vargas para acabar com o ‘comunismo’” (LÖWY, 1999, pp. 25-8).

---

<sup>3</sup> Essa associação entre *feudalismo-colônia*, traço fundamental do “marxismo-leninismo” que aqui se desenvolvia, foi apresentada pela primeira vez por Octávio Brandão em *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*, publicada em 1926, sob o pseudônimo de Fritz Mayer.

Ainda assim, consolidava-se a tão propalada aliança antifascista de partidos comunistas, socialistas e democrático-burgueses.

Um terceiro fator nos permite mediar as posições de Antônio Canelas Rubim e Michael Löwy na caracterização do período. Esses intelectuais eurocêntricos – nossos primeiros esquerdistas – foram empurrados para uma aliança antifascista no momento em que se deflagrou no terreno cultural uma frente cosmopolita não propriamente ampla, mas diversificada, que compartilhava o objetivo comum de produzir uma cultura artística experimental e desvinculada de tradições regionais tidas, desde então, como “arcaísmos”.

A formação, a partir dos anos 1950, de um projeto transnacional para a cultura brasileira, nucleado pelo cosmopolitismo do mercado, forçou a aproximação entre nacionalistas de aspirações democráticas e comunistas, como se pôde verificar, desde então, em muitos episódios de nossa história, como no I Congresso Brasileiro de Escritores<sup>4</sup>, na “Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil”, publicada por Mozart Camargo Guarnieri em 1950, ou nas muitas fundações de revistas e jornais de tiragem e circulação variadas<sup>5</sup>.

A influência desses aspectos também foi levantada pelo sociólogo Marcelo Ridenti, em *O fantasma da revolução brasileira*, ao descrever o PCB no pré-64 como proponente “nacional-reformista” contraposto a elementos atrasados que, contando com apoio do imperialismo, não desejavam um evoluir econômico autônomo. Formou-se um “nacionalismo de esquerda” empenhado na revolução burguesa contra as características feudais e semifeudais que travavam o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas (RIDENTI, 1993, p. 77). Ideia complementada por Celso Frederico, ao reconhecer que a culminação da movimentação cosmopolita com o golpe de 1964 “fez da resistência cultural um polo de aglutinação dos opositores do regime” (FREDERICO, 2016).

## II

Um ano antes do golpe, dois jovens ligados à revista *Estudos Sociais* – Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho – escreveram a Lukács

---

<sup>4</sup> Realizado entre os dias 22 e 27 de janeiro de 1945, o evento confirmava a necessidade de uma arte interessada na “legalidade democrática”, na reivindicação de um pleito eleitoral mais justo e na “cooperação internacional” para chegar a uma “industrialização econômica autônoma”.

<sup>5</sup> Um minucioso relato da formação do movimento comunista no Brasil foi fornecido por Leandro Konder em *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30* (2009). Mais especificamente acerca da participação comunista no projeto nacional-popular, consultem-se os trabalhos de Dênis de Moraes (1994), *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil, 1947-1953*; Celso Frederico (2007), *A política cultural dos comunistas*; A. A. C. Rubim, *Partido Comunista, cultura e política cultural* (1986); e Luiz Antônio Afonso Giani (1999), *As trombetas anunciam o paraíso: a recepção do realismo socialista no Brasil, 1945-1958* (da “Ode a Stalingrado” a “Rebelião em Vila Rica”).

comunicando-lhe o interesse em publicar seus trabalhos, notadamente aqueles ligados à estética. Essa vontade era consequência direta dos primeiros contatos com a obra do húngaro, iniciados com a importação de edições e que depois passou pela publicação do prefácio de *A destruição da razão*, em 1959<sup>6</sup>, até chegar ao ensaio de Michael Löwy, “Consciência de classe e partido revolucionário” (1962), na *Revista Brasileira*<sup>7</sup>.

No total, foram 34 cartas trocadas pelos dois jovens com o experiente filósofo que então redigia sua *Ontologia*. Hoje estas cartas (1961-70) estão reunidas em *Lukács e a atualidade do marxismo*, organizado pelos professores Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa. Ao que tudo indica, o clima de asfixia dogmática que reinava dentro e fora da política do Partido era menos intenso no campo cultural, que progressivamente se tornou um refúgio para a nova geração de militantes (FREDERICO, 2016).

Leandro Konder começou a militar no Partido em 1951 e em 1959 leu *La signification presente du réalisme critique (Realismo crítico hoje)*. Escreveu para Lukács pela primeira vez em 1961 e em 1965 publicou alguns escritos lukacsianos dos anos 1930-40, em *Ensaio sobre literatura: introdução aos escritos de Marx e Engels*. No ano seguinte, traduziu *A necessidade da arte* de Ernst Fischer e, um ano depois (1967), lançou *Os marxistas e a arte*, no qual realizou uma leitura lukacsiana da história das ideias estéticas marxistas. O registro geral do livro era o mesmo estabelecido pelos escritos sobre o realismo.

Voltando ao ano de 1963, em 15 de agosto, uma semana depois de Leandro Konder perguntar a Lukács sua opinião sobre a obra de Antonio Gramsci, Carlos Nelson Coutinho repetiu a pergunta de seu amigo (COUTINHO, 2005, p. 201). Coutinho ainda pediu ao húngaro para comentar alguns expoentes do que ele considerava a atual “investigação marxista”: Jean-Paul Sartre (1905-1980), Lucien Goldmann (1913-1970), Roger Garaudy (1913-2012) e Galvano Della Volpe (1895-1968).

Lukács lhe respondeu brevemente em 31 de agosto: “Portanto, se você quer efetivamente estudar o marxismo, deve estar muito atento à questão de saber se os autores podem ou não ser considerados marxistas. O ceticismo quanto a isso não exclui, naturalmente, que tanto Sartre como

<sup>6</sup> Publicado com o título “O irracionalismo, fenômeno internacional do período imperialista” (1959).

<sup>7</sup> Michael Löwy publicou seu primeiro ensaio, dedicado ao *Manifesto* da Federação Internacional de Arte Revolucionária Independente (Fiari), na revista literária *Espiral*, editada por Roberto Schwarz, em 1959. Essa sua relação liminar com as vanguardas, e mais especialmente com o surrealismo, acrescidos das leituras de Walter Benjamin, Leon Trotsky e Lucien Goldmann o conduzirão a uma relativização da influência lukacsiana, a partir da identificação de um “romantismo revolucionário” que persiste no século XX. Segundo o autor, mais do que uma escola artística, este romantismo constitui um vasto movimento cultural de protesto contra a civilização capitalista, apoiado em valores pré-capitalistas que portam tanto tendências regressivas quanto utópico-emancipadoras (LÖWY, 2011, pp. 11-24).

Goldmann sejam escritores muito talentosos [*sehr geistvolle*] e muito interessantes” (COUTINHO, 2005, p. 203). Sobre Gramsci, Lukács nada diz.

Em 1965 Coutinho publicou seu primeiro ensaio de inspiração lukacsiana, sobre Graciliano Ramos, depois coletado em *Literatura e humanismo*, de 1967. O recurso à *tipicidade*, à *particularidade* como mediador lógico da dialética, a contraposição entre *narração* e *descrição*, *realismo* e *naturalismo* e “a defesa da *humanitas* contra a alienação” (COUTINHO, 1967, p. 152), tudo isso ecoa as obras de Lukács publicadas no período: *Ensaio sobre literatura* (1965), *Introdução a uma estética marxista* (1968) e *Georg Lukács, marxismo e teoria da literatura* (1968). Todas elas foram preparadas pela dupla Konder-Coutinho para a casa editorial Civilização Brasileira.

Não é difícil notar, também, o flerte com a aplicação de modelo. Sua crítica ao monólogo interior em James Joyce e Clarice Lispector (“abstrações vazias e pseudopfundas”, elementos “desorganicamente justapostos”), bem como seu reconhecimento da apropriação de recursos “técnicos” das vanguardas em Graciliano Ramos possuem um paralelismo explícito com *Realismo crítico hoje*, que seria publicado, também com supervisão de Coutinho, em 1969. Mesmo ano da publicação de *Conversando com Lukács* pela Paz e Terra.

Desde 1965, Lukács não só ajudava Coutinho a compreender o fracasso do antigo projeto nacional-popular do PC, mas, principalmente, permitia-lhe indicar, no campo da crítica literária, os caminhos para uma superação. Essa é a ideia que atravessa todo o livro: a forja de uma “ideologia humanista” ou “humanismo revolucionário” assumidamente em dívida com Lukács e que tem sua centralidade estética no *realismo*.

O maior brilhantismo de *Literatura e humanismo*, porém, não está aí, mas na aparição precoce de uma marca constitutiva do pensamento de Carlos Nelson Coutinho. A impossibilidade de confrontar certas ideias de Lukács (como as que dizem respeito a Soljenítsin, por exemplo<sup>8</sup>) fazia que Coutinho se sentisse obrigado a buscar em outros pensadores uma comprovação, contraponto ou endosso para as teses lukacsianas. Foi

---

<sup>8</sup> Cf. “Problemas da literatura soviética” (COUTINHO, 1967, pp. 227-54). Quando escreveu esse atualizadíssimo ensaio, em 1966, Coutinho dispunha de duas únicas traduções: a novela *Une journée d'Ivan Denissovitch* (traduzida pela Julliard em 1963) e a coletânea com as narrativas *La maison de Matriona*, publicada pela Julliard no mesmo ano em que o jovem filósofo escreveu seu ensaio. Até 1966, Coutinho nem sequer havia lido os estudos lukacsianos sobre o autor de *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*, os quais só viriam à luz em 1970. Suas referências de então eram duas recentes entrevistas de Lukács: a Antonin Liehm (*La Nouvelle Critique*, n. 156-7, Paris, 1964, pp. 58-70) e a S. L. Shneiderman (*The New York Times Book Review*, 9 mai. 1965, pp. 30-2). Alexandre Soljenítsin seria retomado, na quarta parte de “O significado de Lima Barreto para a literatura brasileira”, a partir da categoria da *bizarrice* tratada por Lukács nas reflexões sobre o escritor dos Gulags.

provavelmente esta impossibilidade teórica que provocou o encontro quase simultâneo com o Gramsci de *Literatura e vida nacional*, preconizando uma relação fecunda e duradoura.

O mesmo se repete em “Kafka, pressupostos históricos e reposição estética” (1976), em que reencontramos a imagem da *via prussiana*, desenvolvida dois anos antes para designar o sentido da formação da sociedade brasileira em “O significado de Lima Barreto para a literatura brasileira”<sup>9</sup> (COUTINHO, 1974, pp. 1-56). Mas, agora, essa imagem aparece conjugada à ideia de “revolução passiva” de Antonio Gramsci (COUTINHO, 2005, p. 240). Um esforço que chegará a seu ponto alto em “A democracia como valor universal” (1979), já sob influxo do eurocomunismo (NETTO, 2010, p. 235).

O encaminhamento da discussão nos leva, portanto, a um terceiro nome até agora negligenciado: José Chasin. Desde que Caio Prado Jr. propôs, em *A revolução brasileira*, de 1966, reinterpretar a constituição da sociedade brasileira após as traições da burguesia dita progressista, colocou-se na ordem do dia a necessidade do renascimento de uma interpretação marxista do fracasso dessa mesma burguesia. Esta proposta caiopradiana será completada anos depois por J. Chasin em sua tese doutoral sobre a liderança integralista de Plínio Salgado, em que encontramos inevitáveis citações dos textos de Coutinho sobre Graciliano Ramos e Lima Barreto (CHASIN, 1999, pp. 568-84).

Chasin, que em 1962 escreveu uma monografia sobre Karl Mannheim influenciada por *História e consciência de classe*, também se correspondia com Lukács. Desde 1963, então com 26 anos, Chasin expressou seu desejo de publicar alguns textos lukacsianos pela Brasiliense (CHASIN, 1963, p. 2). O principal fruto editorial deste contato foi *Existencialismo ou marxismo*, publicado em 1967 pela editora Senzala, fundada pelo próprio Chasin.

Caio Navarro de Toledo indicou uma negligência em sua leitura do livro *Lukács e a atualidade do marxismo*. Uma ausência que se repete na entrevista concedida por Leandro Konder a Emir Sader, Maria Orlanda Pinassi e com participação de Carlos Nelson Coutinho, publicada na revista *Margem Esquerda* n. 5 (KONDER, 2005). A passagem é extensa e, talvez por isso, imprescindível:

No entanto, um reparo crítico não poderia deixar aqui de ser feito. É de se estranhar que, na entrevista concedida sobre a recepção de Lukács no Brasil, Coutinho e Konder em nenhum momento destacaram a importância da (extinta) revista *Temas de Ciências Humanas* na divulgação de textos de Lukács no Brasil. (A editora da revista teve, inclusive, o trabalho pioneiro de

<sup>9</sup> Seu intuito era substituir a antiga nomenclatura de “sociedade semicolonial em crise”, “economia semifeudal” ou “economia semifeudal dependente”, que abunda em seus primeiros textos.

publicar, entre nós, uma tradução de dois capítulos da *Ontologia*). Igualmente, na entrevista omite-se a contribuição editorial da revista *Ensaio*, dirigida até recentemente pelo filósofo, de orientação lukacsiana, José Chasin<sup>10</sup>. Como bem se sabe, desde os anos 70, essa revista publica, regularmente, importantes textos e entrevistas de Lukács e ensaios de estudiosos internacionais (entre eles, N. Tertulian, I. Mészáros e outros) e brasileiros que tematizam, especialmente, as últimas obras do pensador húngaro. (TOLEDO, 2016, p. 6)

O resultado teórico dessa aproximação Chasin-Lukács, no entanto, só se mostraria de modo sistemático na referida tese, defendida em dezembro de 1977 e publicada pela primeira vez em 1978. Nela o aporte lukacsiano – já beneficiado pelas traduções para português e castelhano – permitiu a apreensão da *via colonial* de entificação do capitalismo brasileiro a partir da leitura lukacsiana da miséria alemã, sem mesclas. Alguns dos trabalhos citados são *Goethe y su época*, *El asalto a la razón*, *Aportaciones a la historia de la estética* e *Conversando com Lukács*. Em outros textos da mesma época, mais precisamente de 1977, Chasin também mencionava *Teoria do romance*, *História e consciência de classe* (“Sobre o conceito de totalitarismo”) e *Prolegômenos a uma estética marxista* (“A ‘politização’ da totalidade: oposição e discurso econômico”).

Segundo Antonio Rago Filho, com sua tese Chasin provoca uma “verdadeira revolução científica na esfera da *crítica ontológica da ideologia* e na captura da *particularidade histórica* da objetivação capitalista no Brasil” (RAGO FILHO *in* CHASIN, 1999, p. 610). Por isso, não é coincidência que, no corpo teórico de Chasin, o conjunto de estudos que dá continuidade a essa temática tenha recebido o nome de *A miséria brasileira: 1964-1994 – do golpe militar à crise social*.

A análise de Chasin demonstra como a especificidade do atraso brasileiro, bem como sua subordinação imanente, implica uma incompletude que se manifesta no inacabamento de suas classes sociais. A debilidade do capital atrofico, que não pode se completar por via autônoma devido à fragilidade formativa de uma burguesia dependente do capital transnacional, tornou-a incapaz de impor-se ao domínio imperialista internacional. Por causa da subordinação ideológica e material em que se encontra desde o nascimento, a burguesia nacional garante sua acumulação sem precisar se empenhar em reformas democrático-burguesas, valendo-se, para isso, da participação minoritária em um consórcio internacional de exploração das nações advindas das antigas colônias.

---

<sup>10</sup> “Registre-se, porém, que, de forma criteriosa, José Paulo Netto, em seu texto, reconhece que o ex-editor da *Ensaio* teve papel decisivo, dentro da universidade brasileira, na orientação de pesquisas filosóficas em torno da *Ontologia do ser social*, exatamente a obra que motivou a organização desta antologia.” (N.A.)

Quando a burguesia brasileira se achegou a esses objetivos, capitaneada por Jango e impulsionada pelos movimentos sociais, ela logo recuou. Isso significa dizer que a *superexploração* da força de trabalho e o conseqüente *alijamento* das classes populares com relação ao mercado interno correspondem, no campo do trabalho, à *exploração dual* (compartilhada) de mais-valia. Este mercado, por sua vez, acaba também não se concluindo autonomamente, vendo-se não apenas na dependência de uma suplementação externa de capitais, mas em plena impossibilidade de desempenhar sua tarefa histórica na formação do capitalismo brasileiro: as reformas burguesas.

### III

Voltando à coletânea *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira* – em que apareceu o importante ensaio de Coutinho sobre Lima Barreto –, cumpre-nos mencionar a complementaridade da contribuição de Leandro Konder. Em seu estudo, Konder nos apresenta uma refinada associação entre a “vitória do realismo” e a defesa da poesia lírica de Carlos Drummond de Andrade, indicando que permanecia a preocupação com a definição dos gêneros literários assumida em *Os marxistas e a arte* (1967). A junção da herança dos “padrões humanistas da burguesia em ascensão” com as “formas clássicas consagradas pela tradição realista” confirmava que o realismo continuava sendo uma questão central para o marxismo (KONDER, 2013, p. 142).

Aqui o realismo é mais do que um estilo ou visão do mundo. Ele é assumido como um contrato que cauciona a possibilidade de significado na relação entre autor e público pela mediação da obra relativamente autônoma (obra que *suspende* o cotidiano, diria o Lukács da *Estética*). É esse contrato que está ausente nas “vanguardas subjetivistas” que promovem “a dissolução da forma artística” e a “confusão dos gêneros”.

Posteriormente, Leandro Konder reconheceu que, já no início dos anos 70, ocorreu a mudança de paradigma que havia sido pressentida por Coutinho: “Depois de Lukács veio o Gramsci. O Carlito [Carlos Nelson] já se antecipava nisso, foi ele quem descobriu a originalidade de Gramsci” (KONDER, 2005). Outra figura central do lukacsianismo brasileiro, José Paulo Netto<sup>11</sup>, afirma em seu posfácio de 2010 à segunda edição de *O*

---

<sup>11</sup> José Paulo Netto entrou para o partido em 1963 e, nos anos seguintes, integrou o grupo lukacsiano de Juiz de Fora, ao lado de Gilvan Procópio Ribeiro e Luiz Sérgio Henriques (FREDERICO, 2016). Influenciado pelas ideias lukacsianas, publicou importantes estudos no campo de estética e política cultural, como “Lukács e a teoria do romance” (*Revista de Cultura Vozes*, n. 6, ano 68, 1974), “A teoria do romance do jovem Lukács” (*Revista de Cultura Vozes*, n. 10, ano 70, 1976), “Depois do modernismo” (*in* COUTINHO *et. al.*, 1974, pp. 105-138), “Possibilidades estéticas em *História e consciência de classe*” (*Temas de Ciências Humanas*, n. 3, 1978) e “Lukács e a problemática cultural da era stalinista” (*Temas de Ciências Humanas*, n. 7, 1979).

*estruturalismo e a miséria da razão* (NETTO, 2010) que não existem duas fases em Coutinho, uma lukacsiana e outra gramsciana. Segundo José Paulo Netto, o comunista baiano sempre considerou haver uma complementaridade entre os dois filósofos.

Essa relação íntima entre Lukács-Gramsci no pensamento de Coutinho foi minuciosamente analisada pelo pesquisador Vladimir Luis da Silva em sua dissertação “*Via prussiana*” e “*revolução passiva*” no pensamento de Carlos Nelson Coutinho: transposição ajustada ou decalque (2012), posteriormente publicada como *A “imagem do Brasil” na obra de Carlos Nelson Coutinho: a hipótese da “via prussiana” e da “revolução passiva”* (2015). Já na bibliografia de Coutinho, essa “polêmica” reaparece, com cuidado autobiográfico, no capítulo “Lukács e Gramsci: apontamentos preliminares para uma análise comparativa” (dedicado a José Paulo Netto), em *De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política* (COUTINHO, 2011, pp. 149-68).

Uma troca de paradigma que, de todo modo, comprova como Lukács foi a referência inicial para esse renascimento do marxismo brasileiro no momento de sua maior crise, entre a denúncia dos crimes de Stalin e o Ato Institucional n. 5 (AI-5) de dezembro de 1968. Sua obra permitia, no plano da elaboração estético-cultural, renovar o projeto *nacional-popular* sem sucumbir ao “cosmopolitismo decadente” e, no plano político-econômico, aprofundar a explicação do processo de entificação particularmente violento e autocrático do capitalismo brasileiro. Um esforço de revisão dos desvios stalinistas – primeiro pelo recurso ao *realismo*, depois pela *via prussiana* – que pode ser verificado em outros dois jovens leitores de Lukács no período.

O poeta Ferreira Gullar, por exemplo, aborda essa problemática em *Vanguarda e subdesenvolvimento* (GULLAR, 1969, pp. 11-86), a partir da conjugação de Lukács com os aprendizados adquiridos com Mário Pedrosa durante suas experiências como artista neoconcreto. Assim como faziam os herdeiros de Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré (Konder e Coutinho), Gullar propunha um aprofundamento popular do realismo lukacsiano para disputar a hegemonia cultural, reivindicando assim uma universalidade que  , ao mesmo tempo, particular (local) e de aspira o internacionalista. Semelhante ao que encontramos em “*Cultura e ideologia*” (1969) ou “*Cultura e política no Brasil contemporâneo*” (1972), escritos por Coutinho.

Neste último estudo, aliás, o autor apontava de maneira clara a combina o entre “a repressão aos intelectuais progressistas após o AI-5” e a iniciativa estatal de política cultural visando a neutralizar a resistência cultural comandada pela esquerda (FREDERICO, 2007, p. 352). Algo que foi posteriormente confirmado por outro atento leitor de Lukács, Roberto

Schwarz<sup>12</sup>: “Em 1968, através do Ato Institucional n. 5, a ditadura estendeu à oposição de classe média e alta, bem como ao campo da cultura, a repressão que até aquele momento havia reservado ao movimento popular” (SCHWARZ, 1999, p. 124). Uma ideia que o crítico literário já havia apresentado em seu mais que conhecido “Cultura e política: 1964-1969”, originalmente publicado em *Les Temps Modernes* (n. 288, Paris, em julho de 1970) e recolhido em *O pai de família e outros estudos* (SCHWARZ, 1978, pp. 61-92).

O consenso final foi o de que a perseguição da especificidade determinativa do atraso brasileiro implica a percepção dos efeitos de um passado colonial que persiste no “verdadeiro capitalismo” aqui instalado. Essa decalagem temporal fez que o capitalismo só estabelecesse sua base industrial no Brasil quando Rússia e Alemanha (formas também atrasadas de capitalismo) já estavam acomodadas como países imperialistas, o que conferiu ao nosso atraso um aditivo de subjugo: “De sorte que o ‘verdadeiro capitalismo’ alemão é tardio, se bem que autônomo, ao passo que o brasileiro, além de hipertardio, é caudatário das economias centrais” (CHASIN, 2000, p. 17). A princípio, a reordenação categorial proposta pelo húngaro serviu a essa dupla responsabilidade que envolvia a superação do etapismo e da conciliação de classes. Somente depois viria – especialmente pelo caminho seguido por Chasin – o desenvolvimento dos lineamentos de sua *Ontologia*.

### **Referências bibliográficas**

CHASIN, J. *Carta a György Lukács*, São Paulo, 20 mar. 1963. 2p. Datiloscrito em francês, pertencente ao arquivo de J. Chasin. Disponível em <<https://www.facebook.com/200537659969589/photos/ms.c.eJwzsTQ2NDYxsza3NjczNTXQM4HwjSF8UxjfyMTAxNjIyBjOh8ibAQCbHwzS.bps.a.493134594043226.110137.200537659969589/493134687376550/?type=3&theater>>, acessado em 16 set. 2016.

\_\_\_\_\_. *A miséria brasileira: 1964-1994 – do golpe militar à crise social*. Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

\_\_\_\_\_. *O integralismo de Plínio Salgado*. Forma de regressividade no capitalismo híper-tardio [1978]. 2. ed. Belo Horizonte/São Paulo: UNA Editora/Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo: ensaios de crítica marxista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

---

<sup>12</sup> Em seu mapeamento da recepção de Lukács no Brasil, Celso Frederico operou essa mesma aproximação entre os dois autores, considerando a leitura de Schwarz “inteligente e flexível” e a de Gullar uma apropriação “flexível e inteligente” das ideias do húngaro.

- \_\_\_\_\_. *A democracia como valor universal: notas sobre a questão democrática no Brasil*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_ *et. al. Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREDERICO, Celso. “A política cultural dos comunistas”. In: MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil v. 3 Teorias. Interpretações*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, pp. 337-372.
- \_\_\_\_\_. *A recepção de Lukács no Brasil*. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/teoria-critica-y-marxismo-occidental/rececao-de-lukacs-no-brasil>>, acessado em 20 ago. 2016.
- GIANI, L. A. A. *As trombetas anunciam o paraíso: recepção do realismo socialista na música brasileira, 1945-1958* (da “Ode a Stalingrado” a “Rebelião em Vila Rica”). 1999. Tese (Doutorado) apresentada à FCL-Unesp, Assis.
- GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- KONDER, Leandro. Entrevista a Emir Sader e Maria Orlanda Pinassi. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*, São Paulo, n. 5, pp.11-29, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30 [1988]*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista [1967]*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- LÖWY, Michael. Consciência de classe e partido revolucionário. *Revista Brasiliense*, n. 41, pp. 138-160, São Paulo, 1962.
- \_\_\_\_\_. Carga explosiva: o surrealismo como movimento romântico revolucionário. Trad. Rodrigo Czajka. *Temáticas*, Campinas, n. 37-38, pp. 11-24, jan.-dez. 2011.
- \_\_\_\_\_ (Org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Trad. Claudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- LUKÁCS, György. “O irracionalismo, fenômeno internacional do período imperialista”. *Estudos Sociais*, n. 5, pp. 56-80, mar.–abr. 1959.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura: introdução aos estudos estéticos de Marx e Engels*. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

- \_\_\_\_\_. *Existencialismo ou marxismo*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Senzala, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a uma estética marxista*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Conversando com Lukács*. Trad. Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969a.
- \_\_\_\_\_. *Realismo crítico hoje*. Trad. Ermínio Rodrigues. Brasília: Coordenada-Editora de Brasília, 1969b.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e teoria da literatura* [1968]. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil, 1947-1953*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.
- NETTO, José Paulo. “Posfácio”. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão* [1972]. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Orgs.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas. “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil”. In: *História do marxismo no Brasil* v. 3. Teorias. Interpretações. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, pp. 373-469.
- \_\_\_\_\_. *Partido Comunista, cultura e política cultural*. 1986. Tese (Doutorado) apresentada à USP, São Paulo.
- SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp. 61-92.
- \_\_\_\_\_. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Vladmir Luis da. “Via prussiana” e “revolução passiva” no pensamento de Carlos Nelson Coutinho: transposição ajustada ou decalque. 2012. Dissertação (Mestrado) apresentada à PUC-SP, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *A “imagem do Brasil” na obra de Carlos Nelson Coutinho: a hipótese da “via prussiana” e da “revolução passiva”*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- TOLEDO, Caio Navarro de. “Resenha: Lukács e a atualidade do marxismo”. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/resenhatoledo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/resenhatoledo.pdf)>, acessado em 20 ago. 2016.